

DIEESE – Subseção APCEF/SP

Informe semanal – nº 131 – 18 de agosto de 2017.

Tudo igual no reino dos bancos

Divulgados os resultados do primeiro semestre das três maiores instituições financeiras privadas do país, o lucro não se contém. Não há recessão que o afete. O do Itaú subiu 15%, o do Bradesco, 13% e o do Santander, 33%. Caíram número de bancários, de agências e operações de crédito no Itaú e Santander. No Bradesco, esses indicadores se elevaram, o que se atribui à incorporação do HSBC ainda no ano passado. Mas é questão de tempo: o Banco já iniciou processo de enxugamento por meio de programa de demissão voluntária.

Tabela 1 – Indicadores maiores instituições financeiras privadas – 1º semestre de 2016 e de 2017

Instituição financeira	período	Lucro Líquido	Carteira de crédito total	Agências Físicas	Número de Empregados
Itaú	1ºSEM2017	R\$ 12,3 bilhões	R\$ 587,3 bilhões	3.523	81.252
	1ºSEM2016	R\$ 10,73 bilhões	613,05 bilhões	3.707	82.213
	variação	15%	-4,20%	-184	-961
Bradesco (*)	1ºSEM2017	R\$ 9,352 bilhões	R\$ 493,5 bilhões	5.068	105.143
	1ºSEM2016	R\$ 8,274 bilhões	R\$ 447,4 bilhões	4.483	89.424
	variação	13%	10,30%	585	15719
Santander	1ºSEM2017	R\$ 4,615 bilhões	R\$ 324,9 bilhões	2.255	46.596
	1ºSEM2016	R\$ 3,466 bilhões	R\$ 308,3 bilhões	2.266	48.877
	variação	33%	5,40%	-11	-2281

Fonte: DIEESE Rede Bancários

(*) Variação significativa no número de agências e de empregados é atribuída à incorporação do HSBC no segundo trimestre de 2016. Por tal razão, o Banco iniciou, em julho de 2017, um Programa de Demissão Voluntária (PDV) para o qual espera a adesão de 10 mil bancários.

Também não há nada de novo no reino da indústria

O sistema financeiro mantém a tendência de não se abalar, enquanto que a indústria mantém a tendência de mergulhar. Segundo pesquisa IBGE, nos doze meses encerrados em junho de 2017 a indústria de transformação recuou 1,9%. As maiores quedas foram em bens intermediários – matéria prima para a produção de outros bens – e bens de consumo, especialmente os semiduráveis (vestuários e alimentos). Houve quem sinalizasse que a mudança de governo melhoraria imediatamente o país, mas nem sinal de que tenha acontecido.

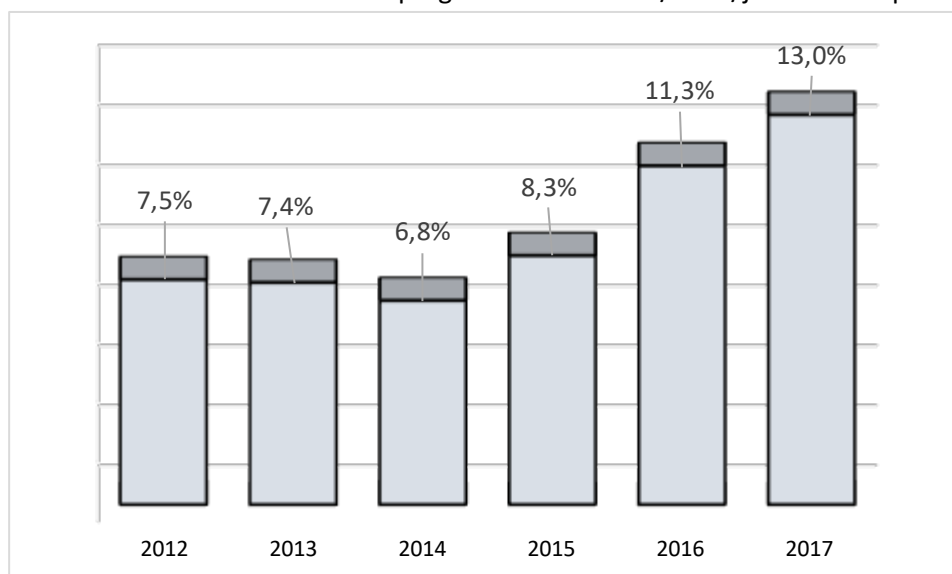
Tabela 2 – variação de segmentos da indústria de transformação – doze meses encerrados em junho de 2017

Segmento da indústria de transformação		variação
1) Bens de Capital	destinados à produção de outros bens (máquinas, equipamentos)	1,0%
2) Bens intermediários	utilizados na produção de outros bens (vidros, papéis, insumos)	-2,1%
3) Bens de consumo		-2,1%
3.1) <i>duráveis</i>	<i>longa durabilidade (eletrodomésticos, veículos)</i>	1,5%
3.2) <i>semiduráveis e não duráveis</i>	<i>baixa durabilidade e consumo imediato (vestuário e alimentos)</i>	-2,9%
4) Indústria geral		-1,9%

Fonte - IBGE

E nada de novo no reino do desemprego: o índice, em queda até 2014, cresce desde 2015. Bancos ganham, mas desempregam. Tecnologia e o cliente executam o trabalho antes realizado pelo bancário. A indústria desativa turnos e plantas, não fabrica, o consumidor não consome, o comércio não vende. Assim, o número de empregados cai. Na média do trimestre abril/maio/junho de 2017, a taxa de desemprego chegou a 13% da população economicamente ativa, segundo pesquisa do IBGE. Em 2014 este índice alcançara 6,8%. Há quem espere que a mudança na legislação trabalhista, ao se inaugurar a era dos temporários e da contratação por demanda, promova a queda do índice. E será isso: só do índice.

Gráfico 1 – taxa média de desemprego - trimestre abril/maio/junho do respectivo ano



Fonte: IBGE